



Proprium sanctorum: o culto a suas relíquias e a seus relicários

Francisco Portugal Guimarães

Introdução

A importância do culto aos santos e a fé em suas relíquias e seus relicários remontam aos primórdios do cristianismo, que precisou, naquele momento, de uma representação que identificasse o modelo de santidade cristã. Essa representação caracterizou-se pela veneração dos corpos dos mártires dessa religião emergente, através dos quais o Todo-Poderoso permitia que se operassem “graças extraordinárias”, consolidando-se como um dos sustentáculos mais poderosos da igreja cristã durante séculos.

A temática é instigante não só pela força que ainda representa no imaginário coletivo, mas, sobretudo, pela riqueza e densidade de sua representação e reelaboração. Também o frequente contato com o grandioso patrimônio sacro da igreja católica reforçou e contribuiu para direcionar-se o estudo para a devoção aos santos, às suas relíquias e aos seus relicários. Essa devoção, idealizando a santidade cristã, sugere questões que se procura explicar neste trabalho: Como a igreja cristã conceituou o santo? Qual o perfil de santo que caracterizou o cristianismo em seus primórdios? Que classes de santos personificaram o ideal da perfeição cristã primitiva? O que são relíquias e como se classificam? Como entendia e orientava a Igreja acerca do culto das relíquias? O que são relicários?

O objetivo deste trabalho, portanto, é compreender o “ideal da perfeição cristã”, por meio dos santos e santas martirizados e da devoção a suas relíquias e seus relicários, proposto pelo cristianismo primitivo.

A exposição do assunto nas diversas seções e subseções envolverá os seguintes conteúdos: a conceituação de santo na perspectiva da santidade cristã; o culto dos santos; o ideal da perfeição cristã primitiva incorporado nos mártires e nas virgens; o culto das relíquias; os relicários; o culto das relíquias no contexto da reforma tridentina em Portugal, relíquias e bustos-relicários em Salvador, Bahia, no Convento de São Francisco, no Mosteiro de São Bento e na Catedral Basílica.

Santidade cristã: santo

A devoção aos santos obriga-nos a detalhar o significado do vocábulo “santo”. “A palavra *santo*, em latim *sanctus*, vem de *sangrines unctus*, ou seja, purificado pelo sangue”¹.

1 GUILLOIS, 1903: 100. “Sanctum ab ethnicis honnisi a sanguine hostiae numcupatom narrat Isidorus in suo etymologiarum libro” (tradução do autor).

Entre os pagãos, só se considerava santo o que havia sido respingado com o sangue das vítimas. Na lei moisaica, santificavam-se as pessoas e as coisas aspergindo-as com o sangue das novilhas e dos carneiros oferecidos em sacrifício. A Epístola aos Hebreus 9, 22, enuncia: “segundo a lei, se purifica quase tudo, e sem efusão de sangue, não há remissão”².

Segundo essa etimologia, a igreja cristã denomina santos os chamados bem-aventurados que reinam no céu, porque foram purificados de todos os seus pecados no sangue do Cordeiro Imaculado, ou seja, de Jesus Cristo “que nos amou e nos lavou em seu sangue”³.

O que os latinos chamam santo (*sanctus*), chamam-lhe os gregos âgios, isto é, sem terra, *quasi sine terra*; nome que convém aos bem-aventurados “porque já não pertencem à terra nem por suas ações, nem por seus desejos”⁴. O santo era, portanto, um ser humano que intermediava a ligação do terrestre com o sobrenatural como define André Vauchez: “O santo é um ser humano através do qual se estabelece um contato entre o céu e a terra”⁵. Também para Le Goff, santo significa “acima de tudo um morto excepcional, testemunho da ‘carne impassível’ e cujo culto se desenvolve em torno do seu corpo, do seu túmulo e das suas relíquias”⁶. Para a doutrina eclesiástica, santos “são aqueles que seguiram fielmente o exemplo de Cristo, oferecendo um glorioso testemunho do Reino dos Céus com o derramamento de seu sangue ou com o exercício heróico de virtudes”⁷.

Entende-se que santo representa, conforme definições apresentadas, o elo entre os mortais e o mundo celestial, por meio do qual a divindade suprema consentia que realizasse graças, sendo assim venerado após sua morte. Devido aos infortúnios da vida, as pessoas buscam seu auxílio e proteção não só para a cura das enfermidades do corpo, mas também soluções para seus problemas existenciais e do cotidiano.

No decorrer dos tempos, sabe-se que, na história da Igreja, o conceito de santo variou conforme a necessidade. Entretanto, a partir dos primeiros séculos, o cristianismo preocupou-se em estabelecer gradativamente uma distinção entre o perfil de santo que caracterizasse a identidade da religião emergente e aqueles cultos denominados pagãos. Este perfil é definido pela Igreja, de forma inédita até então, ressaltando a condição que, necessariamente, o pretendente a santo tenha morrido como ser humano, seguindo o exemplo de Cristo e determinado na fidelidade à sua palavra. O santo, assim, alcança o privilégio de ser conduzido à glória do paraíso e à suprema graça da vida eterna. Este entendimento é bem diferenciado da perspectiva das religiões pagãs, para as quais a morte era considerada barreira intransponível entre os seres humanos e os deuses.

Para Vauchez:

longe de constituir a moeda de troca da nova religião ou uma concessão da elite cristã às massas pagãs para fomentar a sua conversão, o culto dos mártires enraizou-se naquilo que o cristianismo tinha de mais autêntico e original em relação às outras religiões com as quais entrava em concorrência [...] o significado da morte, como um nascimento ao lado de Deus e a renovação do sacrifício salutar do único mediano [Cristo]⁸.

Neste trabalho, o que interessa é o período em que a Igreja primitiva utilizou, para caracterizar o perfil santoral, os indivíduos reconhecidos como santos, e o relaciona com os modelos de santidade dos primeiros séculos do cristianismo, por meio do martirólogo, ou seja, do *mártir*.

2 A BIBLIA TEB, 1995: 1482.

3 A BIBLIA TEB, 1995: 1515.

4 “Quod latini appellant sanctum, graeci âgios dicunt, quase sine terra; propterea beati in coelo vero nuncupantur santi, quia tam operis quam desiderii terreni omnino sunt expertes” (GUILLOIS, 1903: 100).

5 VAUCHEZ, 1989: 212.

6 LE GOFF, 2000: 31.

7 SANTOS, 2000: 30.

8 VAUCHEZ, 1989: 212.

Do culto dos santos

Na doutrina da igreja católica, aos santos não se adoram, pois eles nada mais são do que criaturas excepcionais. A adoração propriamente, segundo Guillois, é um ato de humildade, de aniquilação da criatura na presença do Criador, a fim de reconhecer sua grandeza, sua excelência e o absoluto domínio que exerce sobre tudo o que existe⁹. É, pois, evidente que não se pode adorar aos santos. Adorá-los seria reconhecer neles o que pertence só a Deus. Seria render-lhes o culto supremo que a Igreja chama de culto de *latría* e, por consequência, seria praticar um ato de *idolatria*. Nem mesmo à Virgem, a Igreja recomenda esse culto, que é devido só a Deus.

Aos santos, portanto, por seus méritos e virtudes, é dado o direito de serem honrados e invocados como filhos dignos de Deus e como mediadores dos seres humanos junto a ele, que os elevou à relevância da glória, para recompensá-los por sua fidelidade “de terem procurado em vida senão identificar-se com a pessoa de Cristo, pelo menos aproximar-se ao máximo dessa norma absoluta”¹⁰. É por isso que a Igreja deu-lhes, desde os tempos apostólicos – e ensina os fiéis a dar – um culto religioso, instituiu festas em sua honra, celebrou suas virtudes em hinos, edificou templos e consagrou altares com sua invocação.

Embora o tenha desenvolvido de uma forma notável, quem inventou o culto dos santos não foi a Idade Média e arriscar-nos-íamos a não compreender nada deste aspecto essencial do cristianismo posterior ao ano mil, senão se tivesse em conta a herança dos primeiros séculos¹¹.

No culto que se rende aos santos, que se chama *dulia*¹², honra-se ao próprio Deus na invocação desses santos porque reconhecemos que foi Deus quem os fez o que são; que sua santidade é uma emanção, uma expansão, um reflexo da santidade do Criador; que as virtudes que praticaram foram obras sua e que premiando seus méritos, premiou seus próprios dons.

Pela estreita relação dos santos com o Todo-Poderoso, a Igreja recomenda que se deve invocar e recorrer a eles, pedindo sua proteção, seu auxílio, para se obter benefícios de Deus “por seu Filho Nosso Senhor Jesus Cristo, que é o nosso único Redentor e Salvador”. conforme postula o Concílio Tridentino, seção 25, citado por Guillois¹³. É o que se tem praticado na Igreja desde os primeiros séculos.

Guillois refere também o “Sermão do Martírio”, de S. Ephraim:

Gloriosos mártires [...] ajudae-me [sic] com as vossas orações, a fim de que eu ache misericórdia [sic] no dia de juízo. Compadecidos da minha miseria [sic], protegei-me ante o throno [sic] da majestade divina, para que por vossas orações eu obtenha salvar-me e participe convosco [sic] da bemaventurança [sic] eterna¹⁴.

O autor cita ainda trecho de uma das obras de Santo Agostinho: “Nós não oramos pelos santos martyres [sic], mas recommendamo-nos [sic] às suas orações”¹⁵.

Observa-se, todavia, uma grande diferença entre as orações que se dirige a Deus e as que se dirige aos santos: pede-se a Deus que seja propício, que livre, que salve; pede-se aos santos que orem, que intercedam. Portanto, o ser humano dirige-se a Deus como ao autor da graça, para que ele mesmo dê o que reclamam as

9 GUILLOIS, 1903.

10 VAUCHEZ, 1989: 211.

11 VAUCHEZ, 1989: 212.

12 “Dulia - que venera anjos e santos. ETIM gr. Douleios, a, on ‘de escravo, servil’” (HOUAISS; VILAR, 2001: 1089).

13 GUILLOIS, 1903: 102.

14 GUILLOIS, 1903: 102.

15 GUILLOIS, 1903: 102.

necessidades humanas. Dirige-se aos santos como a amigos bem-aventurados, para que obtenham, por seus méritos, junto a Deus, o que só Deus pode conceder.

Conforme entendimento da igreja católica, a invocação dos santos, longe de desagradar a Deus lhe é muito agradável. O que o prova, segundo ela, são as graças extraordinárias e as curas milagrosas que milhares de vezes têm concedido por sua intercessão. Nada agrada tanto a Deus como a humildade, virtude que os seres humanos praticam quando recorrem às orações dos santos. Temerosos de que não sejam atendidos em oração direta ao Todo-Poderoso, valem-se dos santos como mediadores, para que lhes peçam o socorro de que precisam.

A Igreja tem honrado o culto dos santos de diversas maneiras, sobretudo na celebração das missas, por ocasião de suas festas. Estas têm a função de lembrar que, pela morte de Cristo e fidelidade a seu exemplo, recebem a verdadeira vida e junto graças extraordinárias para praticarem as virtudes. São louvados no ofício religioso: “Oh! Como é preciosa a morte dos santos! Estão agora diante do trono de Deus e dele jamais serão afastados”¹⁶.

Para a Igreja, a missa celebrada por ocasião das festas dos santos é o melhor modo de agradecer a Deus por sua misericórdia, ao mesmo tempo um meio poderoso para os fiéis alcançarem, pela intercessão desses santos, as graças necessárias para enfrentarem os perigos do mundo e seguir-lhes os passos.

Ideal da perfeição cristã primitiva: mártires e virgens

Na perspectiva cristã, além dos apóstolos, que gozavam de uma veneração particular, a igreja primitiva distinguia duas classes de santos que personificavam a perfeição cristã: os mártires e as virgens. Os primeiros, lutadores vitoriosos e heróis da milícia do Senhor, não hesitaram em sacrificar sua própria vida, sabendo que os que matam o corpo só servem de instrumento para abrir à alma, portas para uma vida melhor. A segunda classe, a das virgens, duplamente dignas de veneração quando unem a virgindade ao martírio.

Tomando mártires e virgens como exemplos de vida dedicada à fé, a Igreja coloca ao alcance da admiração e da imitação dos fiéis um modelo de santidade que afirma e confirma o ideal da perfeição cristã. O Missal Cotidiano ilustra esse ideal em várias passagens:

Veneram-se as relíquias dessas Testemunhas da Divindade de Nosso Senhor, que confessaram a sua fé, ‘não em palavras, mas sofrendo a morte’. [...] Vós que operais coisas maravilhosas pelas Relíquias de vossos Santos e fazei-nos participar daquela imortal glória, cujo penhor veneramos em suas cinzas.

Ó Deus, que nos alegrais com a festividade anual de vossos santos Mártires, concedei, benigno, que exultando com os seus méritos nos afervoremos com os seus exemplos.

Se eles [Santas Virgens e Mártires] sofreram tormentos diante dos homens, foi porque Deus os provou; provou-os como ouro na fornalha e recebeu-os como holocaustos¹⁷.

Do ponto de vista cristão, esse modelo de santidade de fato iniciou-se com o culto dos santos e santas martirizados, que durante longo período foram os únicos venerados pelos cristãos e mantiveram-se prestigiados mesmo mais tarde, quando começaram a surgir outros modelos.

16 KECKEISEN, 1958: 695.

17 KECKEISEN, 1958.

Relíquias

Conforme a doutrina cristã, o corpo deixado na terra pela alma quando dele se separa e que são chamados de restos mortais, adquire a denominação de *reliquia*, do latim *reliquiae*, depois que a Igreja inclui seu nome na lista dos santos. Portanto, relíquia de um santo é o que dele resta depois de sua morte.

todos estavam convencidos de que os santos continuavam presentes na terra e poderosos naquilo que subsiste de seus corpos. Todos consideravam esses restos como os agentes mais eficazes da ligação muito necessária entre os vivos e a corte celeste, onde o Todo-Poderoso domina¹⁸.

A designação de relíquias não só define todo o corpo de um santo, como a todas as partes desse corpo por menores que sejam, contanto que possam ser vistas. Assim, a cabeça, os membros superiores e inferiores, os ossos, a carne, os dentes, as unhas, os cabelos, as cinzas e ainda o pó proveniente do que se reduziu parte de seu corpo, são também relíquias.

Em sentido menos estrito, ainda são denominados de relíquias, os objetos que pertenceram aos santos, tais como: calçados, vestidos, lenços e móveis que usaram, inclusive seu cilício e os instrumentos de seu martírio, entre outros.

Em sentido mais lato, chamam-se relíquias os diversos objetos que tocaram os restos mortais de um santo ou às suas relíquias e que foram colocadas em seu túmulo, como flores, velas, inclusive o caixão e a mortalha que envolveram seu corpo.

Relíquias são, pois, objetos preciosos por seu valor afetivo e material. Segundo Ferreira: “Parte do corpo de um santo, ou de qualquer objeto que a ele pertenceu ou, mesmo, que tenha tocado em seu cadáver [...] Coisa preciosa por ter valor material ou por ser objeto de estima e apreço”¹⁹.

A doutrina eclesial católica dividiu em três classes as relíquias dos santos, a saber: insignes, notáveis e mínimas. As relíquias insignes, conforme definição da Sagrada Congregação dos Ritos, de 8 de abril de 1623, são o corpo ou um membro de um santo, como por exemplo, a cabeça, um braço, uma perna, contanto que seja *inteira* e aprovada pela autoridade eclesial. As relíquias notáveis são definidas como um *fragmento* considerável de uma parte importante de seu corpo, como por exemplo, da cabeça, de um braço, de uma perna. Esses fragmentos só serão considerados novamente relíquias insignes, caso se consigam unir as partes retiradas à parte principal, de modo que formem novamente uma unidade completa, conforme determinou mais uma vez a Sagrada Congregação dos Ritos, em 3 de dezembro de 1672. As relíquias chamadas mínimas são aquelas caracterizadas por *partículas* do corpo de um santo, como um dente, uma unha, um fio de cabelo ou então partículas de relíquias insignes ou notáveis, como, por exemplo, as que se encontram encerradas em pequenos relicários e medalhas que as pessoas trazem pendurados no pescoço. Dizem os postulados do Concílio Tridentino que os fiéis devem respeitar e honrar as relíquias dos corpos dos mártires e de outros santos, porque eles são os *membros vivos de Jesus Cristo*, operando Deus graças extraordinárias por meio deles, que devem, um dia, ressuscitar para a vida eterna.

O exposto remete-nos a considerar a importância e o poder sobrenatural que exerciam as relíquias dos santos e santas sobre os seres humanos – representados de forma concreta pelos restos mortais e/ou acessórios que estiveram em contato com seus corpos – que possuindo horror às legiões de demônios que habitavam seu imaginário e aos deuses pagãos rejeitados, necessitavam de proteção contra seus malefícios. Buscavam, no seu culto, um anteparo divino, uma espécie de campo de energia poderoso que os protegesse das investidas do mal.

18 DUBY, 1995: 40.

19 FERREIRA, 1975: 1223.

Do culto das relíquias

O culto às relíquias, tão antigo quanto a própria humanidade, é encontrado em quase todas as civilizações. Sempre foi praticado como forma de manter viva a lembrança de entes queridos ou cuja memória merece ser venerada.

Foi o cristianismo primitivo quem deu uma nova dimensão, aumentando e espiritualizando essas manifestações do ser humano, lembrando e cultuando o sacrifício dos santos e santas martirizados e torturados até a morte, por professarem a fé cristã.

O culto cristão das relíquias não representava apenas a continuidade dos antigos cultos pagãos em homenagem a seus heróis, mas nasceu de motivos sobrenaturais, sendo os corpos dos santos “templos do Espírito Santo” (São Paulo, *Primeira Epístola aos Coríntios*, 3,17) e destinados à glorificação eterna, tendo, por isso, às vezes, a propriedade de servirem de instrumentos de milagres.

Nos bellos [sic] dias da Igreja primitiva applicavam [sic] os fiéis aos enfermos os lenços e vestidos que haviam tocado o corpo de S. Paulo, e logo os enfermos saravam. Se Deus pôde dar a lenços e outros objectos [sic] que tinham tocado o corpo de um santo, a virtude de produzir efeitos [sic] sobrenaturaes [sic] não pôde elle [sic] dar a mesma efficácia [sic] aos mesmos corpos dos martyres [sic] e dos outros santos?²⁰

Afirma Paul Johnson que foi santo Ambrósio, no século IV, em sua luta contra o arianismo, quem primeiro desenvolveu um obstinado interesse pelos assuntos que diziam respeito e detalhavam o martirologio²¹. Esta propaganda do culto das relíquias feita por ele foi fator determinante na história cristã. Consolidou-se com rapidez, permanecendo com tal força por cerca de oitocentos anos. Constituiu-se no fator isolado mais representativo da devoção cristã e na única defesa concreta dos cristãos contra as adversidades inexplicáveis da vida e as atividades obstinadas dos “enxames de demônios”.

Comenta ainda Paul Johnson que, com a vitória do cristianismo, passaram os imperadores a permitir a construção de igrejas sobre os túmulos dos santos, fundamentando assim toda a teoria e prática do culto às relíquias e na fé absoluta nos milagres realizados pelos santos e santas, através dos restos de seus corpos santificados²².

Consoante Guillois, a igreja católica entende que não é permitido expor à veneração dos fiéis senão as relíquias dos santos cuja autenticidade a autoridade competente reconhece como tal²³.

Ainda conforme o autor citado, para a doutrina eclesiástica católica, não é permitido prestar um culto público às relíquias de pessoas falecidas em aura de santidade, mas que a Igreja não tenha canonizado, nem beatificado, podendo-se, quando muito, honrá-las com um culto privado. Não se deve expor ao culto dos fiéis nenhuma relíquia cuja autenticidade não tenha sido reconhecida pela autoridade religiosa. É ao bispo que compete verificar os títulos de autenticidade, que devem acompanhar as relíquias a que se quer render um culto público e de fechar e selar os relicários que as encerra. A fratura do selo, a perda dos títulos e a falta de qualquer prova de autenticidade não permitiriam ao bispo autorizar a exposição e o culto das relíquias. Do mesmo modo, não devem ser expostas à veneração pública, ainda que revestidas de todos os sinais de autenticidade, sem o *visto* e a permissão da autoridade eclesiástica.

Entendeu a Sagrada Congregação dos Ritos que eram necessárias todas essas precauções para evitar que os fiéis se enganassem no culto religioso que prestavam às relíquias. Nenhuma relíquia exposta à veneração

20 GUILLOIS, 1903: 108.

21 JOHNSON, 1976.

22 JOHNSON, 1976.

23 GUILLOIS, 1903.

pública deve ser colocada sobre o santuário em que reside o Santíssimo Sacramento, nem no altar onde ele está exposto. Donde se deduz que se estivessem relíquias expostas em um altar, onde se fosse fazer a exposição do Santíssimo Sacramento, deveriam dali ser retiradas. Todavia, se os relicários contendo as relíquias estivessem fixados em um altar, não seria necessário retirá-los, ainda que ali se devesse expor o Santíssimo Sacramento. Deste modo, aquele que não tivesse nenhuma dúvida acerca da autenticidade de uma relíquia, mesmo que a pessoa de quem a tivesse adquirido fosse de total confiança, não poderia, antes da aprovação do bispo, honrá-la com um culto privado.

De acordo com Guillois: "Nas procissões e em certas solenidades, a presença das relíquias era condicionada à permissão do bispo, cuja autenticidade reconheceu. Não seria permitido, entretanto, levá-las sob o pálio"²⁴. Assim o decidiu a Sagrada Congregação dos Ritos, em 23 de março de 1686, a fim de que os fiéis percebessem a grande diferença que existe entre as relíquias e o Santíssimo Sacramento. A 27 de maio de 1826, a Congregação, publicou um decreto sobre o mesmo assunto, aprovado e confirmado pelo papa Leão XII, segundo o qual se podia tolerar e permitir levar debaixo do palio as relíquias da Vera Cruz e os outros instrumentos da Paixão de Cristo, mas sendo absolutamente proibido prestar a mesma honraria às relíquias dos santos.

Quanto ao ofício de dizer missa de um santo, diz o Concílio de Tours, convocado pelo papa Nicolau I, que se celebre a festa dos santos, cujos corpos se possuem, e que seja praticada a veneração que lhes é devida nas igrejas onde se conservam. Não autoriza a Igreja que se reze o ofício e a missa de um santo, de que se possui uma relíquia, senão quando esse santo é canonizado. Esta autorização cabe ao bispo conceder. Se a relíquia fosse de um bem-aventurado, não se poderia rezar o ofício nem a missa dele sem uma concessão especial do sumo pontífice, o que só concedido quando a relíquia é insigne. Procede assim a Igreja como estratégia para tornar mais solene o culto do santo cuja festa se celebra e concorrer a ela maior número de fiéis; o que não sucederia se fosse celebrado o mesmo ofício em todas as igrejas que possuem algumas partículas das relíquias desse mesmo santo.

Quando o bispo tem de consagrar algum altar fixo, cantam-se, na véspera da cerimônia, matinas e *laudes* diante das relíquias dos santos, as quais se devem colocar nesse altar, ainda que nem sempre sejam insignes, como recomenda a Sagrada Congregação dos Ritos, de 14 de janeiro de 1845.

Diante do exposto, deve-se ressaltar o domínio e a autoridade absoluta que a Igreja exerceu sobre os fiéis, tomando para si e legitimando, com firmeza, o poder de proibir, confirmar, decidir, autorizar e legalizar qualquer ação ou atitude referente ao culto dos santos e a veneração a suas relíquias.

Relicários

Considerando a importância dada às relíquias e a seu caráter indiscutivelmente divino e conseqüentemente sagrado, para que pudessem ser reverenciadas pelos fiéis e vistas pela comunidade em geral, era indispensável que fossem guardadas e expostas em objetos preciosos e especiais: os sagrados relicários.

Relicários são lugares próprios para se guardar relíquias, geralmente em forma de caixa, cofre, bolsinha, medalha, etc.

A Figura n.º 1 exhibe caixas relicários dos séculos XVII e XIX.

24 GUILLOIS, 1903: 110. "Reliquiae sanctorum quae deferuntur in processionibus per civitates et oppida, non debent defferri sub baldachino".



Figura n.º 1 – Caixas relicários, séculos XVII e XIX. Catedral Basílica do Salvador. Fotografia: Cláudia Guanais.

Os primeiros relicários da era cristã foram os próprios túmulos dos santos e santas mártires, nas catacumbas. Em seguida, passou-se a valorizar o altar como referência de relicário, sobretudo por conter a pedra d'ara²⁵, colocada sobre a mesa do altar-mor, para a celebração da missa.

No decorrer do tempo, com a consolidação do culto às relíquias, o cristianismo esmerou-se na produção de valiosos e artísticos relicários que, segundo Paul Johnson: “eram com efeito [os relicários] o foco central da mais elevada arte em metal da alta Idade Média”²⁶.

25 “pedaço de mármore contendo orifício interno onde são depositadas relíquias de santos mártires, sobre qual os sacerdotes consagram a hóstia e o vinho” (SAMPAIO, 2003: 423).

26 JOHNSON, 1976: 196.



Figura n.º 2 – Palma-relicário, século XVIII. Arquidiocese de Salvador, Bahia. Fotografia: Sergio Benutti.

Figura n.º 3 – Relicários: Perna, Mão e Braço, século XVII. Mosteiro de São Bento, Bahia. Fonte: BAHIA, 2000: 52.

Elaboraram-se esquifes de grande valor artístico e preciosos relicários de diversas formas como cápsulas, caixinhas, ampolas, cruzes, medalhões e anéis, utilizando, para isso, o que se tinha de mais precioso em diversos metais e outros materiais, a exemplo de ouro, prata, esmalte, bronze, vidro etc.

Na Figura n.º 2 vê-se palma-relicário do século XVIII.

Em 1095, no Concílio de Clermont, o Papa Urbano II proclamava a “peregrinação armada”, dando início às Cruzadas que trouxeram do Oriente para o Ocidente uma grande quantidade de relíquias que necessariamente deveriam ser guardadas e expostas em preciosos relicários. Esses relicários passaram a ser concebidos em formas diversas. Foi então que se produziram, segundo D. Clemente Maria da Silva-Nigra:

os famosos relicários em forma de grande urna (o dos Reis Magos em Colônia, 1190-1225); de igreja gótica (o de Nossa Senhora, em Aquisgrana, 1237; o de Santa Isabel, em Marburgo, 1236-49); de igreja com cúpula (Welfenschatz, em Colônia, 1175); de corpo inteiro (o de Nossa Senhora no Musée Cluny, em Paris); e finalmente, em forma de braço, dedo, perna, pé, cabeça, e muitas vezes, meio corpo ou busto, vendo-se então a relíquia por trás de uma gradezinha ou de um vidro encerrada numa cápsula no meio do peito²⁷.

O século X foi prodigioso na confecção e produção de um grande número desses relicários de luxo, como, por exemplo, o relicário em ouro, em forma de pé, que guardava a sandália de Santo André, como também a imagem feita em Essen, de 60 cm de altura, da Virgem Maria, confeccionada em madeira e folheada a ouro,

27 SILVA-NIGRA, 1971: 23.

para a neta de Oto I. Infelizmente, a maioria destes relicários desapareceu em virtude dos saques e por terem sido derretidos nos primórdios do século XVI, quando as relíquias estavam bastante desacreditadas devido à corrupção da Igreja, que se iniciara a partir do século XII.

A Figura n.º 3 permite a visualização de Relicários (perna, mão e braço) do século XVII.

Culto das relíquias no contexto da reforma tridentina em Portugal

A parte da Europa que mais absorveu a prática do Concílio de Trento foi a Península Ibérica.

Nos séculos XVI e XVII, o culto às relíquias foi reavivado em Portugal e os “bustos-relicários” tiveram uma grande aceitação nas suas igrejas e mosteiros, onde o expoente maior encontrava-se no Mosteiro de Alcobaça, possuidor de um belíssimo santuário das relíquias. Segundo José Queiroz: “É o mais suntuoso que conhecemos no país [Portugal]. As esculturas, bustos e imagens de corpo inteiro aninham-se por todo o santuário, até a cornija, cuja policromia e ouro mais engrandece a suntuosidade do recinto”²⁸.

Em 1620, o abade do Mosteiro de São Bento em Lisboa, frei Clemente das Chagas, segundo frei Leão de Santo Thomas:

comprou em seu triênio um formoso Santuário de muitos braços e meios corpos de Santos com suas Relíquias, que ornam toda a altura e largura do Altar-mor e alegam os olhos dos que as vêem, quando se descobrem, correndo as portas dobradiças com que estão fechadas nos dias ordinários²⁹.

Consta na mesma obra uma descrição de 1651 do Mosteiro de São Bento, no Porto, que se encerra com a seguinte narrativa:

há uma imagem no Altar maior, muito perfeita, grande e devota e nele mesmo um Santuário de Relíquias de Santos, em trinta e dois meios corpos, em quatorze braços, em dois pés, em quatro pirâmides e em seis Anjos que ficam junto ao Sacrário tendo também nas mãos castiçais para alumiar o Santíssimo. E todas essas peças que são 58, estão cobertas de prata moída com óleo, invenção nova, que veio de Roma, da sorte que ficam tão lustrosas e o Santuário todo de tanta majestade que todo parece de prata³⁰.

É dentro dessa influência de Portugal e sob o espírito norteador do Concílio de Trento, ocorrido no século XVI, estrutura-se o “espírito” da formação religiosa da nação brasileira, também com o reavivamento do culto às relíquias e seus relicários. Naquele momento, a Bahia era o ponto de referência da colônia portuguesa, como “cabeça do Brasil”, onde os missionários do século XVI e dos princípios do século XVII, sobretudo os jesuítas, levaram para o Novo Mundo as práticas tridentinas. Em Salvador, essas diretrizes foram praticadas em particular no que concerne ao culto às relíquias, através prioritariamente da representação dos bustos-relicários.

Relíquias e bustos-relicários – Salvador (BA)

Os santos relicários, representados sob a forma de imagem de corpo inteiro ou busto, são esculturas que se destacam por exibir uma cavidade no tórax, geralmente de formato redondo ou oval, contornada por uma moldura onde é guardada e exposta a relíquia, prova da existência do santo na forma de fragmento.

28 QUEIROZ, 1907: 282.

29 THOMÁS, 1974: II, 429.

30 THOMÁS, 1974: II, 429.

A Figura que serve de separador deste artigo, apresenta um exemplar de imagem-relicário (Imagem-relicário de Santa Mônica, século XVII. IPHAN – 7ª. SR/BA).

O culto às relíquias foi introduzido no Brasil no início da colonização. Para o Colégio dos Jesuítas na Bahia, vieram as primeiras relíquias, como informa o padre Fernão Cardim:

Trouxe o padre visitador Cristóvão de Gouveia em 1583, uma cabeça das Onze mil virgens, com outras relíquias engastadas em um meio corpo de prata, peça rica e bem acabada. A cidade e os estudantes lhe fizeram um grave e alegre recebimento: trouxeram as santas relíquias da Sé ao Colégio em procissão solene, com flautas, boa música de vozes e danças – Tinha o padre visitador dado ordem para se fazer um relicário para todas as relíquias que estavam mal acomodadas. Estava já neste tempo acabado. É grande, tem 16 armários com suas portas de vidraças, e no meio um grande, para a imagem de Nossa Senhora de São Lucas; os armários são todos forrados dentro de cetim carmesim, as portas da banda de dentro são forradas de sedas de várias cores, sc. damasco, veludo, cetim, etc., a madeira é de pau de cheiro de jacarandá e outras madeiras de preço, de várias cores, de tal obra que se avaliou somente das mãos, em cem cruzados. Fê-lo um irmão da casa, insigne oficial. Está assentado na capela dos irmãos que é uma casa grande³¹.

Bustos-relicários – Convento de São Francisco, Salvador (BA)

Frei Antonio de Santa Maria de Jaboatam³² dedica um capítulo de seu livro às relíquias de santos do Convento de São Francisco de Salvador. Relata que o padre Domingos Coelho, reitor do Colégio dos Jesuítas, trouxe oito relíquias que pedira em Roma, diretamente ao Santíssimo Padre Urbano VIII, no ano de 1627. Segundo o autor, ao entregar as relíquias o Santo Padre lhe respondera: “eram pequenas, mas verdadeiras, e estavam autenticadas por tais com os seus selos pendentes.” Estas oito relíquias foram postas, segundo frei Jaboatam, em imagens de meio corpo – bustos-relicários – de dois a três palmos, e expostas nas banquetas no novo altar-mor da Igreja de São Francisco, em 1649. Relata frei Jaboatam:

Tinham estas [as relíquias] o seu lugar no primeiro corpo, que logo, conforme a Arquitetura se seguia sobre a banquetta do altar, em que assentava o Retábulo, a modo de Santuário, com mais de dez palmos de alto, ficando no meio dele o sacrário, e pelos lados vários Nichos em duas, ou três ordens por cada lado, dentro dos quais como em oratórios particulares estavam colocados os meios corpos [bustos-relicários] destas Relíquias, e faziam todos um vistoso, e devoto Santuário³³.

Infelizmente, esses bustos-relicários não mais existem na citada igreja e não foi localizada documentação que faça referência a seu destino.

Bustos-relicários – Mosteiro de São Bento, Salvador (BA)

Outra imponente casa religiosa, o Convento de São Bento da Bahia, acolheu um grande número de relíquias e seus respectivos relicários, na pessoa do excepcional ceramista frei Agostinho da Piedade, monge beneditino que ali, durante boa parte de sua vida, dedicou-se à confecção de preciosas imagens-relicários e bustos-relicários em terracota, sendo por isso considerado o iniciador da imaginária feita com a terra brasileira no século XVII.

31 CARDIM, 1936: 254, 286.

32 JABOATAM, 1980.

33 JABOATAM, 1980: 97.



Figura n.º 4 – Busto-relicário de Santa Luzia, século XVII. Mosteiro de São Bento, Bahia. Fotografia: Mirna C. Brito Dantas.

A Figura n.º 4 exibe busto-relicário do século XVII de autoria de frei Agostinho da Piedade.

De sua produção de relicários foram encontrados e identificados por Silva-Nigra apenas uma imagem-relicário, a de Santa Mônica, e onze bustos-relicários, a saber: Santa Luzia, Santa Cecília, Santa Águeda, Santa Bárbara, Santa Escolástica, Santa Margarida, Santa Catarina, São Gregório Magno Papa, Santo Papa não identificado, Santo Anselmo, Santo Bispo não identificado.

Bustos-relicários – Catedral Basílica, Salvador (BA)

A antiga igreja dos Jesuítas, atual Catedral Basílica do Salvador, possui, além do busto-relicário revestido em prata de São Francisco Xavier, uma preciosa coleção de trinta bustos-relicários, atualmente exposta no Museu de Arte Sacra (MAS) da Universidade Federal da Bahia, composta de vinte e dois santos e santas



Figura n.º 5 – Bustos-relicários de Santos Mártires, século XVII. Catedral Basílica do Salvador, Bahia. Fonte: BAHIA, 2000: 194.

mártires moldados em barro-cozido, bem como oito santos e santas mártires talhados em madeira, todos dourados e policromados, do início do século XVII, com características ainda maneiristas.

A Figura n.º 5 permite a visualização parcial do conjunto dos bustos-relicários da Catedral Basílica do Salvador.

Os trinta bustos-relicários que integram esta coleção apresentam algumas peculiaridades. Nenhum deles possui relíquias, nem foram encontrados até então registros escritos que revelassem a sua história. No interior dos relicários, entretanto, manchas escuras indicam que algo ali esteve colocado em época anterior. A maioria dos bustos-relicários não possui os atributos que identificam os santos, geralmente colocados nas mãos.

Quanto às quinze santas mártires, dez usam vestes similares às de princesas bizantinas, possuem as cabeças descobertas, símbolo da virgindade, e nelas carregam diademas, enquanto as cinco outras usam túnicas e mantos cobrindo-lhes as cabeças à semelhança das monjas.

Dos trabalhos resultantes da pesquisa iconográfica realizada pelo MAS, alguns foram identificados pelos atributos que ostentam e outros por inscrições existentes sob as bases, a saber: Santa Águeda, Santo Eustáquio, Santa Inês, São Jorge, São Sebastião, Santo Estevão, Santa Dorotéia, Santa Irene, Santa Catarina de Siena, Santa Isabel de Portugal, Santa Teresa D'Ávila, São Lourenço e São Vicente.

Conclusão

O estudo do culto aos santos e às suas sagradas relíquias é importante para a compreensão dos vínculos estabelecidos pela Igreja entre os universos material e espiritual. Para tal, entre outros recursos, utiliza, eficientemente, as relíquias como um aparato de devoção e veneração, definindo e determinando o domínio sobre o inconsciente dos fiéis, impondo-lhes seu controle absoluto, sem alternativa de escolha, consolidando e determinando uma influência tamanha, durante séculos, que era quase impossível contestá-la e/ou desalojá-la.

O culto às relíquias e seus relicários como objetos sagrados consolidou-se devido à atuação das ordens religiosas, que estimulavam entre os fiéis sua veneração. Através da propaganda, esse culto funcionou como mola propulsora da política da Igreja, aumentando seu poder no império romano cristão. A percepção da importância das coleções de relíquias, não somente como armas poderosas contra as legiões de demônios, mas também como elementos de poder, prestígio e riqueza, prestou-se não apenas a uma série de objetivos na vida social, política e econômica das regiões, como também levou à rivalização entre o clero e a nobreza, cada um com suas coleções "autênticas", servindo de fontes de receita para seus detentores. Com isso, a Igreja encaminhou-se a um estágio de decadência moral, que desencadeou as primeiras reações que conduziram posteriormente à Reforma protestante.

Bibliografia

- A BIBLIA TEB, 1995 – *Epístola aos Hebreus*. Nova edição revista e corrigida. São Paulo: Paulinas; Loyola.
- BAHIA: *Tesouros da Fé*, 2000. Salvador: Bustamante Editores, Barcelona, Esc. Coelba.
- BRÉZILBAROQUE: *entre ciel et terre*, 1999. Paris: Union Latine.
- CARDIM, Padre Fernão, 1936 – *Tratado da terra e gente do Brasil*. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional.
- DUBY, George, 1995 – *Helôisa Isolda e outras damas do século XII*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de H., 1975 – *Novo Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- GUILLOIS, Ambrosio, abade, 1903 – *Catecismo – explicação histórica, dogmática, moral, litúrgica e canônica – com a resposta às objeções extrahidas das sciencias contra a religião*. Traduzida da 12.^a ed. de Pariz. Porto: Livraria Chardron.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles, 2001 – *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- JABOATAM, Antonio de Santa Maria, frei, [1859] 1980 – *Novo orbe seráfico brasílico ou chronica dos Frades Menores da Província do Brasil*. Nota prévia de Antonio Corrêa de Oliveira, Parte segunda. Recife: Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco. vols. I, II, III.
- JOHNSON, Paul, 1976 – *História do Cristianismo*. Tradução de Cristiana de Assis Serra. Rio de Janeiro: Imago.
- KECKEISEN, D. Beda O.S.B., 1958 – *Missal Quotidiano. Completo/em latim e português; com o próprio do Brasil*. 19.^a ed. Salvador: Tipografia Beneditina.
- LE GOFF, J., 1989 – *O homem medieval*. Lisboa: Presença.
- SAMPAIO, Gabriela dos Reis, 2003 – “Tenebrosos mistérios – Juca Rosa e as relações entre crença e cura no Rio de Janeiro Imperial” in CHALHOUN, Sidney et al. (org.) – *Artes e ofícios de curar no Brasil – capítulos de História Social*. São Paulo: Ed. da UNICAMP, p. 387-426.
- SANTOS, Maria de Lourdes dos, 2000 – “As múltiplas faces de uma santidade: reflexões sobre a trajetória do conceito de ‘ser santo’”. *Estudos de História*. São Paulo: Franca, n.º 1, p. 27-39.
- SILVA-NIGRA, Clemente Maria da, dom, 1971 – *Os dois escultores Frei Agostinho da Piedade – Frei Agostinho de Jesus e o arquiteto Frei Macário de São João*. Salvador: UFBA.
- THOMÁS, Leão de Santo, frei, 1974 – *Beneditina Lusitana*. Notas críticas de José Mattoso. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Tomo II.
- O UNIVERSO mágico do barroco brasileiro*, 1998. São Paulo: Sesi.
- VAUCHEZ, André, 1989 – “O Santo” in LE GOFF, Jacques (dir.) – *O homem medieval*. Lisboa: Presença, p. 211-230.